

O Fórum continua sem fronteiras

Resumo: Francisco Whitaker, cofundador do Fórum Social Mundial, fala sobre a trajetória, os rumos e a importância do evento, após dez anos de existência, na organização social e política do mundo. Traça também paralelos entre a ação dos diversos públicos participantes do Fórum – militantes de movimentos sociais, estudantes, educadores e outros – e a repercussão das atividades do evento na área educacional e governamental.

Palavras-chave: movimentos sociais, Fórum Social Mundial, capitalismo, educação, governo.

Abstract: Francisco Whitaker, Fórum Social Mundial (World Social Forum) co-founder, tells us about the event trajectory, directions and importance, after ten years of existence, in the social and political world organization. He also traces parallels among the actions of several public participants belonging to the Forum – social movement militants, students, educators and others – and the repercussion of the event activities in the educational and governmental area.

Keywords: social movements, Fórum Social Mundial (World Social Forum), capitalism, education, government.

Como definir a trajetória de um evento de amplitude mundial, reunindo diferentes correntes de pensamento com o propósito de discutir e traçar estratégias de ação social conjunta – envolvendo temas aparentemente tão diversos como direitos humanos, meio ambiente, questões de gênero, conflitos raciais e educação? Mais do que analisar a trajetória do Fórum Social Mundial, que em 2010 completa dez anos de existência, o militante Francisco Whitaker participou ativamente de sua concepção e desenvolvimento – vivenciando de perto todos os desafios de criação e coerência de um Fórum de magnitude global.

Sua trajetória profissional e pessoal faz com que opine com propriedade sobre o assunto. Atualmente, é membro do Secretariado Internacional do Fórum Social Mundial, representando a Comissão Brasileira de Justiça e Paz da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) – além de ter atuado, no passado, também como sócio-fundador da Associação Transparência Brasil, como professor no Instituto de Formação para o Desenvolvimento de Paris e no Instituto Latino-Americano de Pesquisas Econômicas e Sociais (Ilpes/ONU), e como membro da Comissão Brasileira de Justiça e Paz e do Movimento de Combate à Corrupção Eleitoral (MCCE). A seguir, Whitaker fala um pouco sobre a história do evento, que espelha e se confunde com a própria história dos movimentos sociais e políticos do mundo.

Por Juliana Winkel

C&E: Em 2010, o Fórum Social Mundial completou dez anos de sua criação, celebrados com a realização de evento na cidade que primeiro o recebeu, Porto Alegre. Como você avalia o papel do evento no cenário social de hoje, comparado com o de uma década atrás?

Francisco Whitaker: Do lançamento do Fórum até hoje, o mundo mudou muito – até mesmo pela própria influência dos movimentos sociais que surgiram,

ENTREVISTA

Recebido: 23.02.2010

Approved: 03.04.2010

sobretudo, no final do século. Os movimentos sociais nos quais estamos envolvidos estão voltados para a mudança. Não são movimentos reivindicativos do ponto de vista de necessidades a serem atendidas ante governos, mas sim relativos à sociedade como um todo, à maneira como ela funciona inclusive do ponto de vista de justiça, solidariedade, igualdade. Um dado fundamental é que nós vivemos dentro de um modelo capitalista. E esse modelo tem uma enorme vitória sobre aquilo que se pretendia que o substituísse, que é o socialismo – vitória que se caracterizou pela queda do Muro de Berlim. Quando o Muro caiu, simbolicamente desmoronou toda a experiência que vinha sendo realizada durante os últimos oitenta anos. Isso gerou certa perplexidade entre todos os que queriam mudar o sistema. Ao mesmo tempo, os defensores da chamada tese capitalista, do mercado como mecanismo fundamental que soluciona tudo, se sentiram absolutamente à vontade. A chamada globalização, que o mundo conhece há mais de quinhentos anos, caracterizada pela integração das economias e das sociedades em geral pelo mundo afora, ganhou no século XX uma grande velocidade. De lá para cá, começaram, porém, a surgir resistências – protestos contra o domínio que se estava impondo, da lógica do mercado, e todas as consequências hoje conhecidas, inclusive ligadas à questão climática e ecológica. Essa retomada da capacidade de resposta e de resistência começou a ser chamada de movimento antiglobalização – que realizou, por exemplo, aquele grande encontro em Seattle¹ contra a Organização Mundial do Comércio, além de manifestações de rua contra o Fundo Monetário Internacional, o G8, etc. O Fórum Social Mundial surgiu no meio disso, motivando inclusive esse movimento com a proposta de que *Um outro mundo é possível*. Então se começou a falar de outra globalização, a globalização da solidariedade e não do capital.

Nesse contexto, o Fórum surgiu como um instrumento que se criava dentro do movimento para fazê-lo superar uma série de dificuldades como a desunião, a competição entre os próprios participantes e a falta de condições de se encontrarem para pensar no que fazer. O Fórum surgiu com essa proposta: vamos criar um tempo de parada, no meio de tudo que estamos fazendo, para pensar se é por aí mesmo. Mas, em vez de cada um fazer isso separadamente, vamos fazer juntos. E, ao fazermos juntos, vamos reunir quem acha que está separado. Movimentos de mulheres, por exemplo, estão separados do movimento sindical, dos movimentos jovens, dos movimentos ecológicos, e não deveriam estar. Ao mesmo tempo, havia movimentos de mulheres que atuavam em distintas linhas. O sistema divide os grupos, trabalha sempre para dividi-los, e nós caímos nessa. Nós nos deixamos dividir. Por que não tentar encontrar convergência e construir a união, para se ter mais força?

Ainda assim, esse processo não foi simples, porque muitos começaram a criticar o Fórum em vários sentidos. Uma das críticas era a de que não adianta a gente ficar discutindo, era necessário ir para a ação. Mas a ação não era o Fórum que tinha que fazer, eram os movimentos. Os movimentos iam ao Fórum para discutir sua própria ação. Outra crítica foi a de que não adianta pretender que a sociedade civil vá mudar muita coisa, o que precisamos é mudar

1. Movimento público de protesto coordenado por ONGs durante encontro da Organização Mundial do Comércio (OMC), realizado em Seattle, EUA, em 2001.

Verena Glass



O Fórum surgiu como um tempo de parada, no meio do que os movimentos estão fazendo, para pensar sobre a própria ação.

o governo. Aqui na América Latina essa ideia se fortaleceu, mas em outros continentes foi o contrário, os governos de esquerda caíam. Outros achavam que o Fórum devia se transformar num ator político, ou seja, ele mesmo ser protagonista, não ser um espaço para outros protagonistas surgirem. Deveria propor uma linha de trabalho objetiva. Tudo isso se mesclou. Atualmente temos um Fórum regional em Porto Alegre, o primeiro de uma série de vinte e sete a se realizar ao longo de 2010 pelo mundo afora. Dentro desse Fórum de Porto Alegre, haverá um seminário de avaliação de tudo: da conjuntura, do andamento da luta para superar o capitalismo e o neoliberalismo, de como anda o próprio neoliberalismo – inclusive com relação à enorme crise que passamos em 2008 – e também para pensar o próprio Fórum. Vale a pena que ele continue a existir dessa forma?

C&E: Quais os avanços efetivos motivados pelo Fórum junto à ação dos movimentos sociais?

Whitaker: Realmente, foram criadas condições para articulações totalmente novas na luta pelo mundo afora. Ao longo desses dez anos, surgiram várias redes novas de objetivos muito precisos: uso consciente da água, economia solidária, paz. Ao mesmo tempo que se criaram essas redes, houve também vitórias muito precisas – por exemplo, a não assinatura do acordo da Alca, em 2001². Houve a demonstração de que, quando se trabalha em rede, pode-se ter uma força enorme, como durante as manifestações contra a guerra do Iraque, que não conseguiram parar a guerra, mas evitaram que alguns países entrassem nela, como a Alemanha e a França. E houve também muitas descobertas dentro da

2. Manifestações organizadas por entidades e movimentos sociais que participaram do I Fórum Social Mundial contra a criação da Alca (Área de Livre Comércio das Américas).

cultura política. Uma delas é que superamos a ideia da necessidade uniformizadora, homogeneizadora, de todo mundo igual – típica de governos fascistas e movimentos totalitários. Descobriu-se que a diversidade é uma riqueza e que, portanto, é preciso agir politicamente dentro da diversidade, aceitando-a e valorizando-a. A diversidade não é só cultural, mas também de propostas, maneiras de ver a realidade, estratégias, representações e inclusive de ritmo. Existem aqueles que têm uma visão ampla dos movimentos, outros ainda estão descobrindo que o mundo pode ser mudado. A aceitação dessa diversidade foi um grande passo dado. Descobriu-se também que é possível fazer política sem ranger dentes. Que o ambiente do Fórum é de alegria, reencontro, reconhecimento e ajuda mútuos, corresponsabilidade. É um ambiente que cria possibilidades de você se entender com gente com quem brigava, porque dentro do Fórum você não tem que lutar pelo poder. Não há poder pelo qual lutar. Não vai haver direção, documento final.

Outra coisa que se descobriu com o Fórum é que a mudança não virá pela tomada do poder, nem pela ação dos partidos. Ambos são necessários e podem ser úteis, mas não são suficientes. A mudança virá pela ação de toda a sociedade em todos os segmentos, inclusive dentro de nossos próprios comportamentos pessoais. Isso é o que vai mudar o mundo. Tudo isso são novidades no cenário político. O próximo passo é descobrir como usar essas dualidades nas lutas identificadas como necessárias agora, em todos os diferentes aspectos que têm de ser enfrentados. É um momento de revisão e retomada do caminho. Já tivemos outros períodos assim, em que testamos inclusive diversos formatos para o evento. Um deles foi por meio de três Fóruns concomitantes em 2006. O



Verena Glass

Novos rumos: a mudança virá pela ação de toda a sociedade em todos os segmentos.

segundo foi em 2008, quando, em vez de um Fórum único, tivemos atividades em diferentes pontos no mundo inteiro. Os movimentos ficaram livres para fazer o que quisessem, mas houve um dia em que levantaram o braço e disseram *estamos aqui* – o Dia Mundial de Ação. E o terceiro foi esse atual: Fóruns ao longo do ano, não numa data só. Em 2011, voltaremos a fazer um centralizado, em Dakar. A partir daí, não sabemos ainda como vamos continuar. Essa própria maneira de atuar, de não seguir modelitos, é uma grande novidade na política. A criatividade de invenção foi se criando ao longo do processo.

C&E: Qual é hoje o alcance dos movimentos sociais junto aos governos e à formulação de políticas públicas? Como é no Brasil?

Whitaker: Objetivamente, a eleição do Lula no Brasil, assim como do Evo Morales na Bolívia ou de outros presidentes em lugares comprometidos com causas populares, resultou do crescimento dos movimentos sociais nesses países. Mas eles vieram também acompanhados de grandes ilusões. Uma delas – e que agora o Fórum, em certo sentido, evidencia – é a de que tomar o governo não basta. No caso do Brasil, quando Lula foi eleito, houve uma grande festa. Ele já tinha participado do Fórum em 2001 e 2002, como militante do Instituto de Cidadania. Depois, voltou como presidente. Mas aí começou a prática, a realidade. E percebemos que os governos não podem fazer tudo que gostaríamos, porque não são a tomada de poder absoluto. São a tomada de parcelas do poder. O poder econômico não é tomado com uma eleição. E o poder econômico é enorme, controla inclusive os meios de comunicação. Automaticamente o governante, para conseguir se manter lá em cima, precisa ter um jogo de cintura enorme. O próprio Lula, para ser eleito, teve que ceder. A Carta aos Brasileiros que escreveu antes da gestão foi para dizer: *Gente, eu não vou tão longe como vocês pensavam que eu iria. Eu vou só até certo ponto. Confie em mim, mas é preciso que alguma coisa mude, senão o país estoura*. Então estabeleceu políticas compensatórias e conquistou a população pobre de uma maneira inacreditável, mas teve que fazer concessões ao sistema. Automaticamente os participantes do Fórum, que não se situam nem entre os privilegiados nem entre os mais pobres, têm críticas e se dividem. Há participantes que adoram o Lula e há os que o detestam. Esse é um dos pontos a respeito do qual o Fórum trouxe nova postura. Precisamos entender que não se modifica o mundo trocando o governo. Só isso não basta.

C&E: Qual o papel da educação dentro desse novo cenário dos movimentos sociais? Como inserir os temas discutidos no Fórum de forma eficaz no contexto educacional?

Whitaker: O Fórum, no fundo, é resultado de uma proposta pedagógica. Seu formato é muito influenciado pelo pensamento de Paulo Freire, pela ideia do educador que é educando também. Uma das regras do Fórum é justamente a horizontalidade, o intercâmbio em que todos aprendem com todos na ação política e na interpretação da realidade.



O Fórum é influenciado pelo pensamento de Paulo Freire: o educador é educando também.

Há no Fórum mil experiências baseadas na troca de saberes – uma pedagogia de ensino diferente que faz com que as pessoas encontrem os próprios caminhos. Naturalmente, essas experiências repercutem nos educadores que as vivenciam dentro do evento. Criaram inclusive, ao lado do Fórum, o Fórum Mundial da Educação, que discute essas questões todas. Esse Fórum começou com características diferentes do Fórum Social Mundial, de forma mais tradicional, com presidência, mesas, conferências. Atualmente, já assume o método de auto-organização das atividades. Tudo depende de as pessoas quererem ou não avançar nessa linha. O Fórum fornece a condição.

C&E: Como você vê os estudantes de hoje em sua participação política na sociedade?

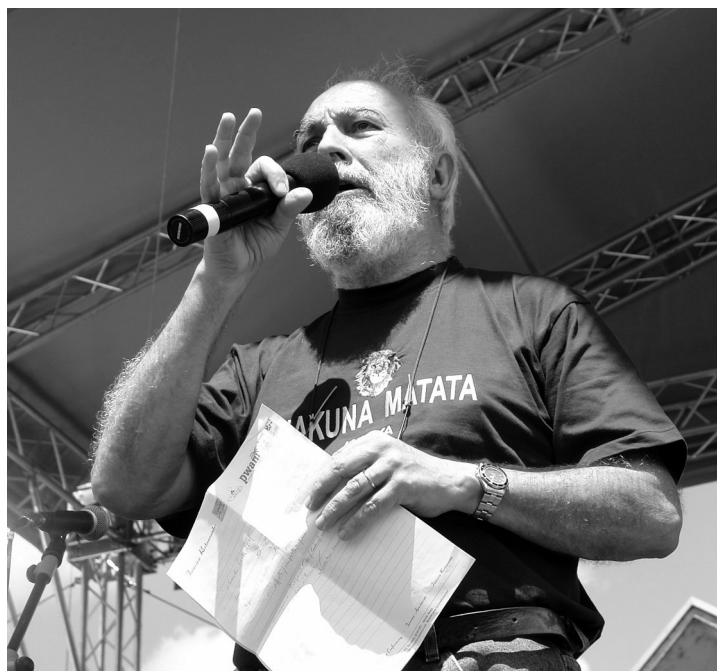
Whitaker: Acho que o jovem precisa ser informado de que existe uma preocupação muito generosa, de gente de todas as partes, para mudar o mundo. A opressão do jovem de baixa renda é tremenda, ele luta pela sobrevivência. Não é uma reação de desinteresse, mas sim de desesperança. Já os jovens que tiveram a oportunidade de ir para a escola, e condições de vida dignas, manifestam desinteresse total. Não acreditam em político nenhum. É tanto um desinteresse como a nossa própria incapacidade de falar. Quando pensamos nisso, vem à mente novamente uma das principais funções do Fórum, que é a educativa. O

desafio, enorme, é despertar a consciência das pessoas para a necessidade de mudança. Uma grande parte não está nem aí, ou acha que não adianta, ou que não se consegue, ou que não é preciso. Quem vai passear nos *shoppings* por aí afora não pensa ou não quer mudanças. E o sistema se apoia neles pelo mecanismo básico do consumismo. O Fórum objetiva atingir o máximo de pessoas, fazê-las acordar e pensar em como mudar o mundo. Ficou evidente que o processo da indústria do lucro a qualquer custo não se sustenta. São trágicas as perspectivas mundiais com a mudança climática que está ocorrendo. Mas essa parcela da população está longe dessa consciência, *longérrima*.

Já os estudantes são muito atraídos por essa proposta. Pela própria curiosidade natural da idade, além de ter havido experiências muito interessantes, os chamados *acampamentos de juventude*, desde o primeiro Fórum. No Fórum de 2005, por exemplo, havia 20 mil jovens em rede de autogestão. O acampamento foi gerido por eles numa oportunidade de viver os valores a que o Fórum se propõe: horizontalidade e corresponsabilidade.

C&E: Fale um pouco sobre seu envolvimento pessoal com o Fórum, sua participação desde a criação do evento.

Whitaker: Participei do Fórum desde o início, debatendo as primeiras ideias. Como ele é uma enorme, contínua e progressiva descoberta, para mim foi de uma riqueza incrível. Aprendi muito, entendi coisas que eu não entendia antes. Atualmente, me sinto corresponsável por ele e acredito realmente que ele não deve mudar seu caráter. Ele é, e tem que ser, uma criação permanente de praças públicas. Da mesma forma, os movimentos que dele participam precisam



Verena Glass

Whitaker: “É preciso aproveitar a possibilidade de diálogo que a tecnologia oferece e a pulverização dos conhecimentos. Isso garantirá a própria perpetuação das ideias”.

encontrar seus caminhos de ação. O Fórum deve ser entendido como algo realizado para o bem comum da humanidade. A luta contra o neoliberalismo, por exemplo, se define pela denúncia e pela oposição àquelas empresas que compram filiais ou estabelecem parcerias com outras empresas, especialmente fora do Brasil, formando monopólios. É a luta contra a privatização de coisas que são o bem comum da humanidade e que não devem ser privatizadas. No caso do Fórum, a luta é para que ele próprio não seja privatizado, nem passe a atender a ideais de fora, particulares. Que continue a ser um espaço à disposição de todos. É preciso assegurar sua expansão, continuidade e aprofundamento – inclusive para chegar a lugares do planeta onde é extremamente necessário o estabelecimento de um espaço de discussão.

Em 2005, lançamos um livro sobre o Fórum, que foi traduzido para diversas línguas, inclusive o japonês. Fui ao Japão para seu lançamento e fiquei impressionado com a sociedade daquele país, na qual o Fórum não chegou, ou não foi entendido ainda. É uma sociedade extremamente dividida, amarrada, que não conseguiu descobrir que, lá, praças como as do Fórum fariam com que se fortalecessem e superassem muitas das dificuldades existentes. Eu vejo isso e digo: “Olha, preciso garantir que isso continue”. Não sei até que ponto teremos mão de obra para isso, mas é preciso. As próprias pessoas que insistiram para que o livro fosse publicado lá disseram: “Essas ideias aqui ainda não fizeram seu caminho. É preciso que façam”. Na verdade, já houve por lá experiências espetaculares em tempos idos, e que morreram por causa da característica de sociedade ou porque não houve o *pulo do gato* que o Fórum deu, que é estabelecer um espaço onde não exista a luta pelo poder. Mas aos poucos as pessoas vão retomando as iniciativas.

Um traço importante para garantir a continuidade dessas discussões passa também pela comunicação. Não podemos mais pensar em comunicação apenas, mas sim em intercomunicação. A partir do Fórum de Belém, temos diversas iniciativas acontecendo pela internet em tempo real, sendo acompanhadas durante a realização do Fórum por movimentos sociais do mundo inteiro. É preciso aproveitar a possibilidade de diálogo que a tecnologia nos dá hoje e favorecer a pulverização dos conhecimentos. Isso garantirá o aumento do alcance e a própria perpetuação dessas ideias.